

# Associativismo e confiança interpessoal: uma abordagem culturalista da política em BH\*

**Claudia Fioretti Bongianino**

**Mariah Lança de Queiroz Casséte**

**Vinicius Baptista Soares Lopes**

Graduandos em Ciências Sociais/UFMG

**Palavras-chave:** Cultura política; associativismo; confiança interpessoal

**Key Words:** Politic culture; associativism; interpersonal thrust..

**RESUMO:** A abordagem clássica da Cultura Política apresenta a confiança interpessoal e o *associativismo* como fatores decisivos na dinâmica política de uma dada região. Nesse trabalho, introduzimos uma diferenciação entre *associativismo político e civil*, assim como entre confiança interpessoal difusa e localizada, buscando investigar, à luz dos dados da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (2002), se essa diferenciação produz implicações interessantes para os estudos culturalistas e, em particular, para uma mais ampla compreensão da dinâmica política da capital mineira.

**ABSTRACT:** The classic approach of Politic Culture presents interpersonal thrust and associative practices as factors that influence political dynamics. In this paper, we introduce a differentiation between political and civil associativism, as well as between a diffuse and localized interpersonal thrust. In doing so, we intend to investigate if this differentiation has implications to the culturalist approach and specially if it gives us a better understanding of the political environment of Belo Horizonte.

## Introdução

Uma forma bastante original de se tratar a política é a perspectiva que, comumente, denominamos de Cultura Política. Os pesquisadores dessa área crêem ser importantes em suas análises levar em conta aspectos culturais dos cidadãos, pois a política se constituiria fundamentalmente no campo da *práxis*, realizando-se não apenas no plano teórico, normativo e institucional, mas também na esfera do relacionamento e da convivência entre os indivíduos reunidos em uma mesma comunidade. Seria impossível não considerar tais aspectos nas pesquisas que se realizam em ciência política.

Assim, o adequado desenho institucional não seria suficiente para garantir o bom funcionamento de um sistema político. No caso da democracia, para que haja estabilidade e bom funcionamento institucional, seria necessária a presença de uma cultura cívica.

Assim, no presente trabalho, partimos do pressuposto de que a cultura política pode contribuir para um melhor ou pior desempenho institucional dos regimes políticos, posto que estudos clássicos (PUTNAM, 1996; ALMOND & VERBA, 1963) demonstram que o bom funcionamento da democracia está significativamente relacionado com aspectos subjetivos das pessoas, ou seja, com seus sentimentos, suas atitudes e seu conhecimento em relação ao convívio social e à política.

Nesse sentido, procuraremos realizar uma revisão teórica a respeito dos principais assuntos de estudo da cultura política contemporânea, focando no tema do *associativismo* e da *confiança interpessoal*. Em seguida, buscaremos testar o efeito sobre a confiança interpessoal da participação em associações - introduzindo uma diferenciação entre associações políticas e civis, além

de propor uma distinção entre confiança difusa e localizada (a ser esclarecida adiante) - na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Para tanto, valer-nos-emos dos dados da PRMBH (2002)<sup>1</sup>.

## Associativismo e Confiança Interpessoal: uma reflexão sociológica

Duas das principais variáveis utilizadas por teóricos e estudiosos para identificar e quantificar a cultura política democrática de uma determinada população tem sido o *associativismo* e a *confiança interpessoal*.

De acordo com a tradição teórica iniciada por Émile Durkheim, uma das maiores fontes geradoras de confiança entre os indivíduos é a participação em associações. Em seus estudos dedicados às modalidades de desenvolvimento

\* Agradecemos a imensurável atenção com que a cientista social Luciana Conceição de Lima olhou para esse trabalho, inclusive nos orientando enormemente na feitura da parte estatística. Agradecemos também a revisão atenta do Prof. Dr. Mário Fuks, sempre tão atencioso com os autores desse texto, no sentido de nos possibilitar um refinamento maior de nosso trabalho. Agradecemos, por fim, ao parecerista anônimo pelas sugestões que ajudaram a enriquecer esse trabalho.

<sup>1</sup> A Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH) foi realizada em 2002 pelo Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Trata-se de uma pesquisa por amostragem probabilística, que reuniu 1029 casos.



de bases sociais morais - as quais implicariam o estabelecimento de vínculos solidários entre os indivíduos -, tal autor destaca que o fato de as pessoas se reunirem periodicamente em eventos nos quais compartilham interesses e objetivos comuns (como agrupamentos profissionais e associações religiosas) promove a difusão de um sentimento de pertencimento ao grupo, gerando o estreitamento dos laços sociais e solidariedade (DURKHEIM, 1899, 1891 e 1996).

Nesse sentido, retomando o núcleo central da teoria elaborada por Émile Durkheim (1989, 1991), seria possível pensar que o agrupamento de indivíduos, promovido pela sua participação em associações, contribui para um maior adensamento dos laços sociais, gerando solidariedade e confiança mútua.

De maneira análoga, para a abordagem culturalista, os sentimentos de solidariedade, confiança e tolerância compartilhados por indivíduos de uma mesma comunidade podem permitir que sejam superados os problemas decorrentes de um "oportunismo" individualista, no qual os sujeitos agem fundamentalmente de maneira isolada e não coletiva, por manterem permanentemente uma atitude de desconfiança, uns em relação aos outros (PUTNAM, 1996).

Dedicamo-nos, pois, à tentativa de compreender em que medida as pessoas, ao se relacionarem entre si e com a arena política por meio de associações formais, desenvolvem a confiança interpessoal. Atualmente, há estudos que mostram ser positiva a relação entre associativismo e confiança interpessoal, cabendo-nos, aqui, pensar essa realidade à luz das peculiaridades da cultura política brasileira e, quando possível, da região metropolitana de Belo Horizonte.

## Abordagens teóricas

### 1 - A tradição culturalista na política

A cultura política, como área da Ciência Política, abrange todo aquele tipo de estudo que busca reconhecer nos aspectos culturais de uma comunidade certos elementos que se relacionam de forma importante com a vida política da mesma. Os autores que enxergam a democracia como um sistema mais profundo e abrangente do que um simples procedimento político-institucional não podem deixar de considerar os valores, as atitudes e os costumes das pessoas como relevantes para suas análises. A visão culturalista porta uma compreensão da democracia que abrange não apenas os procedimentos institucionais, mas também as relações sociais que os fomentam, de maneira a não se ignorar a importância da subjetividade na investigação do objeto político. Para essa vertente culturalista, a experiência pessoal e social dos indivíduos também configura um aspecto essencial de análise. Sabe-se que a igreja, a família, a escola, e o ciclo de amizades contribuem para a formação psicossocial das pessoas, influenciando-lhes as possibilidades de ação.

Dessa forma, é possível afirmar também que tais aspectos constituem substratos fundamentais a estudos e pesquisas, quando se pretende analisar as características da dinâmica política de determinada região.

Estudos realizados por Gabriel Almond e Sidney Verba, nos idos de cinquenta do século passado, foram os primeiros a enfatizar a relevância de aspectos culturais nos estudos da ciência política contemporânea. Esses autores introduziram a variável cultura como elemento relevante na análise de sistemas e instituições políticas, na medida em que evidenciaram tipos de culturas que seriam mais congruentes com o sistema político democrático do que outras. A análise das atitudes dos sentimentos e das crenças dos indivíduos proporcionaria uma melhor compreensão da dinâmica da vida política de uma determinada comunidade, além da possibilidade de se obter uma visão mais rica e abrangente a respeito dos fatores que influenciam na consolidação e estabilidade dos regimes democráticos modernos. Uma das principais conclusões a que chegaram Almond & Verba é a de que realmente existe um tipo de cultura, caracterizada por aspectos subjetivos específicos, que proporciona um contexto mais propício para o desenvolvimento da democracia. Esse tipo cultural, afirmam os autores, seria verificado, fundamentalmente, em dois países: nos Estados Unidos e na Inglaterra, ou seja, as duas nações que, justamente, conseguiram manter, ao longo do tempo, um sistema democrático mais estável e eficiente. Assim, não é difícil perceber o enorme impacto da obra, *The Civic Culture* (1963) para a ciência política, já que se caracteriza como sendo a grande responsável por inaugurar essa nova perspectiva de análise que, mesmo passível de questionamentos, vem sendo constantemente retomada, por suscitar férteis questões as quais os cientistas políticos contemporâneos não podem desconsiderar.

### 2 - Associativismo e confiança interpessoal

Na obra *Comunidade e Democracia* (1996), Putnam destaca a relação entre desempenho institucional e cultura, a partir de um minucioso estudo realizado na Itália, nos vinte anos após a descentralização e a regionalização das atribuições governativas desse país. Ao desenvolver essas análises, ele adota uma perspectiva claramente culturalista, pois encontra no civismo (conceito que esclareceremos adiante) o elemento mais importante e primordial para explicar o desenvolvimento prático das instituições democráticas italianas. Entretanto, Robert Putnam não é exclusivamente culturalista, pois, para esse autor, a dinâmica institucional e aquela sócio-econômica também são importantes na configuração da política democrática, embora, em última instância, estas sejam explicadas por aquela. A própria experiência italiana mostra que a criação de governos regionais, em longo prazo, foi capaz de alterar a forma de se conceber - tanto das elites políticas, quanto da população em geral - a democracia, por

transformar certos aspectos da ideologia, das orientações, das visões e concepções dos líderes políticos e da comunidade. Contudo, mudanças mais profundas e esperadas, como aumento da eficiência administrativa das regiões e, principalmente, a diminuição das desigualdades entre as regiões sul e norte, por exemplo, processaram-se de maneira marcadamente distinta de acordo com a região. Tais constatações permitem, portanto, uma indagação acerca da possibilidade de existirem realmente fatores mais arraigados no âmago social e que influenciam diretamente a dinâmica da vida política e democrática de uma sociedade. A resposta a essa pergunta residiria exatamente na cultura. Haveria, pois, uma relação dinâmica entre instituições políticas, economia e cultura, uma moldando a outra, embora pareça que a variável cultural seja preponderante.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, para Putnam (1996), a cultura política democrática pode ser expressa pelo civismo. Tal princípio pode ser encontrado em comunidades nas quais prevalece a participação política e o interesse pela coisa pública; a participação em associações civis, cujas relações intra-individuais são marcadas pela horizontalidade e reciprocidade; e, finalmente, pelos sentimentos de solidariedade, tolerância e confiança de que os indivíduos compartilham. Segundo esse autor, o conceito de civismo poderia ser operacionalizado por meio de uma variável que ele denomina capital social – conceito que englobaria a cultura cívica e a confiança interpessoal. Assim, poder-se-ia dizer que, em uma comunidade na qual existisse um elevado índice de confiança interpessoal e associativismo, haveria também uma maior possibilidade de se melhorar o desempenho institucional dos governos.

Entretanto, cabe aqui ressaltar que a cultura política a que os autores acima fazem referência nem sempre são observadas, na prática, em todos os países democráticos. Estudiosos como Norris (1999), Newton & Norris (1999), Power & Jamison (2005) percebem na contemporaneidade um declínio da confiança nas instituições políticas por parte das pessoas. Vejamos, por exemplo, o caso mais geral da América Latina e, em particular, o do Brasil. Marta Lagos (2000) acredita que a cultura política latino-americana não é semelhante àquela observada, como já fizemos menção, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Diferenças estruturais nos processos de formação do Estado e da Nação dos países de colonização espanhola e portuguesa contribuiriam para que tivéssemos uma cultura política diferente daquela observada nos países anglo-saxões. Entretanto, não podemos afirmar que nos países que compõem a América Latina haja uma descrença generalizada em relação ao regime político democrático. Dados do Latinobarômetro – frutos da realização de um *survey* no ano de 2006 – comprovam a ampla adesão das pessoas ao regime democrático, ao passo que observam a desconfiança dos cidadãos em relação às instituições políticas. A visão mais ampla de Lagos, condensada no conceito de “síndrome da desconfiança”, reporta-se a uma

desconfiança generalizada, seja aquela interpessoal, seja aquela referente ao bom funcionamento do regime – incluindo-se aqui a desconfiança nas instituições políticas. Ademais, acrescenta Lagos, a despeito de desconfiarmos amplamente da eficiência de nosso regime democrático, silenciemo-nos, mantendo as aparências de que nossa política funciona à maneira como gostaríamos. Trata-se aqui daquilo que a autora denomina de “máscara sorridente” – a capacidade que os regimes democráticos latino-americanos têm de sobreviver, mesmo em face aos problemas políticos que tanto desgastam a imagem de nossas instituições e de nosso regime (LOPES, 2004).

As percepções sobre a cultura política dos cidadãos latino-americanos podem ser transpostas para o caso brasileiro, como faz José Álvaro Moisés (2006). A despeito de possuímos, há mais de vinte anos, um regime democrático, nossa cultura política, segundo os estudiosos de que estamos tratando, não se modificou no mesmo ritmo, concomitantemente, à nossa atual democracia. Em nosso país, pode-se observar a presença de desconfiança generalizada em relação às instituições políticas e aos políticos. Cremos ser bastante razoável pensar que a desconfiança nos políticos e nas instituições políticas que caracteriza a cultura política nacional pode ser igualmente percebida quando analisamos regiões sub-nacionais, tanto em relação aos estados, quanto em relação aos municípios e às regiões metropolitanas<sup>2</sup>.

## Operacionalizando conceitos: confiança - difusa e localizada

Nesse trabalho, entendemos que a variável *confiança interpessoal* poderia ser subdividida em *confiança interpessoal difusa e localizada*, sendo que aquela corresponderia ao que denominamos de *percepção global de confiança*. Por outro lado, existiria toda uma série de dimensões, ligadas à confiança nas pessoas com quem se convive de maneira mais próxima e corriqueira, que estariam relacionadas mais diretamente à confiança localizada, constituindo aquilo que denominamos de *confiança em vizinhos*<sup>3</sup>.

Dessa forma, os objetos específicos desse artigo são quatro. Aqueles que dizem respeito ao associativismo são: (1) a participação em associações políticas; (2) a participação em associações civis. Aqueles que dizem respeito à confiança interpessoal, por sua vez, são: (3) percepção global de confiança; (4) a confiança nos vizinhos.

(1) Consideramos *associativismo político* toda forma de participação em organizações ligadas a assuntos considerados públicos.<sup>4</sup>

(2) Consideramos *associativismo civil* toda forma de participação em grupos, não ligados diretamente a assuntos públicos, nos quais indivíduos compartilham interesses e objetivos comuns.<sup>5</sup>

(3) Consideramos *percepção global de confiança* a confiança interpessoal naquilo que diz respeito especificamente a seu aspecto difuso, mais abrangente e impessoal.<sup>6</sup>

2 Justifica nossa apreciação hipotética para os níveis sub-nacionais o fato serem escassos os estudos destinados à captação da cultura política regional, no caso brasileiro.

3 Diversos estudos (por exemplo, HARRÉ, 1999 e COHEN, 1999, *apud* Moisés 2005) já apontavam para o fato de se poder considerar a confiança política como um caso particular de confiança interpessoal. A confiança interpessoal é vista, portanto, como uma variável bastante ampla, que engloba tanto uma dimensão macro – como no caso da confiança política – quanto uma dimensão micro – relacionada especificamente à interações sociais de caráter mais íntimo.

4 Foi considerado, portanto, como *Associativismo Político*, participação em entidades/associações ligadas à defesa dos direitos humanos (mulheres, crianças, idosos, homossexuais, negros, portadores de deficiência, outra), grupos de fé e política, partidos políticos e reuniões do Orçamento Participativo.

5 Foi considerado, portanto, como *associativismo civil*, participação em associações religiosas (grupo de jovens, de casais, outra), entidades/associações beneficente ou de caridade, recreativa e/ou esportiva, ligadas à defesa dos consumidores, a questões específicas (saúde, educação, moradia, meio ambiente, cultura, outra), entidades empresariais e patronais, entidades estudantis, grupos de auto-ajuda, sindicato de trabalhadores, associações profissionais e associações comunitárias.

6 Para operacionalizar a variável *percepção global de confiança* foram utilizadas as respostas à pergunta “Você diria que podemos confiar nas pessoas ou cuidado nunca é demais?” do questionário da PRMBH 2002.

(4) Como confiança nos vizinhos, consideramos a confiança interpessoal naquilo que diz respeito especificamente a seu aspecto localizado, menos abrangente e mais direta.<sup>7</sup>

## Hipótese de pesquisa

Partimos, primeiramente, das conclusões obtidas por Putnam (1996), segundo as quais o associativismo (tanto político quanto civil) estaria positivamente relacionado com a confiança interpessoal. Além disso, levamos em consideração os resultados obtidos por Moisés (2006) ao aplicar a tese culturalista ao caso brasileiro. Nos estudos desse autor, verificou-se a presença de uma desconfiança generalizada em relação às instituições políticas e aos políticos. Assim, propomo-nos testar a relação entre associativismo e confiança interpessoal na Região Metropolitana de Belo Horizonte, além de nos propormos a trabalhar uma questão não levantada pelos autores, a saber, qual é a relação entre associativismo e confiança, quando essas variáveis são subdivididas em suas categorias constitutivas, isto é, distinguindo o associativismo político do associativismo civil, por um lado, e a confiança nos vizinhos da percepção global de confiança, por outro. Pretendemos, assim, verificar se, no caso da RMBH, o associativismo relaciona-se positivamente com a percepção global de confiança e com a confiança nos vizinhos. No presente trabalho, portanto, o problema de pesquisa fica assim definido:

### I. Relação entre associativismo e confiança:

O associativismo global (incluindo aqui o associativismo civil e aquele político) produz efeitos positivos sobre a confiança nos vizinhos e sobre a percepção global de confiança.

### II. Relação entre associativismo político e confiança:

O associativismo político produz efeitos positivos sobre a confiança nos vizinhos e, em particular, sobre a percepção global de confiança.

## Metodologia

Ao buscar testar as hipóteses acima apresentadas, empregamos uma metodologia que pode ser descrita da seguinte forma:

I. Para testar a hipótese de que o associativismo (político e/ou civil) produz efeitos positivos sobre a confiança difusa, partimos da proposição de que, quando a relação entre associativismo e confiança é controlada por outras variáveis, ela pode apresentar resultados diferentes. Assim, empregou-se um modelo de Regressão Logística Binária para verificar o efeito da participação em associações sobre a confiança difusa, controlada por sexo e escolaridade.

A equação geral do modelo fica definida da seguinte forma:

$$\ln \left( \frac{Y}{Y-1} \right) = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

As variáveis da Regressão Logística Binária para verificar o efeito da participação em associações sobre a confiança no nível macro, controlado pelo sexo e escolaridade ficam assim especificadas:

### Variável dependente

Confiança – Indicadores de confiança no nível macro.

- Percepção global de confiança – (*dummy*). Cuidado nunca é demais = 0. Podemos confiar na maioria das pessoas = 1.
- Grupo de referência: 1- Podemos confiar na maioria das pessoas.

### Variável independente

Associativismo – Indicadores de participação em associações políticas e civis

- Participação em associações – (*dummy*). Não participa = 0 e Participa = 1.
- Participação em associações políticas – (*dummy*). Participa de associações civis = 0. Participa de associações políticas = 1.
- Sexo do indivíduo – (*dummy*). Sexo feminino = 0. Sexo masculino = 1.
- Escolaridade do indivíduo (em anos)

II. Para testar a hipótese de que o associativismo (político e/ou civil) produz efeitos positivos sobre a confiança localizada, partimos da proposição de que – assim como no caso da percepção de confiança do indivíduo em relação a sua comunidade – também a confiança nos vizinhos pode apresentar resultados diferentes quando há o controle da relação entre associativismo e confiança por outras variáveis. Empregou-se um modelo de Regressão Logística Multinomial para verificar o efeito da participação em associações sobre a confiança localizada, controlados sexo e escolaridade.

A equação geral do modelo fica definida da seguinte forma:

$$\ln \left[ \frac{Y=j}{Y=i} \right] / \left[ \frac{p(Y=1)}{p(X=i)} \right] = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

E a razão das chances será calculada e interpretada em percentuais através de:

$$(e^{\beta} - 1) * 100$$

As variáveis da Regressão Logística Multinomial para verificar o efeito da participação em associações sobre a confiança no nível micro, controlado pelo sexo e escolaridade.

### Variável dependente

Confiança – Indicadores de confiança no nível micro

- Possibilidade de se confiar nos vizinhos de bairro/ vila: 1-Concorda totalmente, 2-Concorda em parte, 3-Discorda em parte, 4-Discorda totalmente.
- Grupo de referência: 1- Concorda totalmente. Indivíduos que concordam totalmente com a afirmação segundo a qual "pode-

<sup>7</sup> Para operacionalizar a variável *confiança nos vizinhos*, foram utilizadas as respostas à pergunta "Pode-se confiar nas pessoas que moram nesse bairro/ vila?" do questionário da PRMBH 2002. Embora tenha nos parecido importante incluir a variável sexo como alternativa demográfica para se controlar os resultados, ela não se mostrou significativa em nenhum dos modelos de regressão estatística rodados.

se confiar nas pessoas, que vivem no seu bairro/ vila".

**Variável independente**

**Associativismo – Indicadores de participação em associações políticas e civis**

- Participação em associações – (*dummy*). Não participa = 0 e Participa = 1.
- Participação em associações políticas – (*dummy*). Participa de associações civis = 0.

Participa de associações políticas = 1.

- Sexo do indivíduo – (*dummy*). Sexo feminino = 0. Sexo masculino = 1.
- Escolaridade do indivíduo (em anos)

**Resultados**

Nas tabelas 1, 2, 3 e 4, podem-se observar os resultados obtidos, através de modelos de regressão estatística realizados com base nos dados da PRMBH (2002), a respeito da relação associativismo e confiança, controlando os resultados por anos de escolaridade e sexo<sup>8</sup>.

**TABELA 01- Resultado do modelo de regressão logística**

**Associativismo Global e percepção global de confiança**

**Grupo de referência: Pode-se confiar na maioria das pessoas**

	B	Sig	Exp(B)	(Exp(B)-1)*100
<b>Associativismo global</b>	0,563	0,019*	1,756	75,622
<b>Escolaridade</b>	0,094	0,001*	1,099	9,851
<b>Sexo</b>	0,161	0,485	1,174	-17,414

Fonte: PRMBH (2002). Elaboração própria dos autores.

\* Coeficiente significativo para teste bilateral

A tabela 1 nos mostra que participar de associações aumenta em mais de 75% as chances de um indivíduo dizer que se pode confiar na maioria das pessoas, a dizer que cuidado nunca é demais, controladas as variáveis controladas as variáveis escolaridade e sexo. Da mesma forma, cada ano a mais de escolaridade eleva em quase 10% as chances de se confiar em outrem, mantidos constantes associativismo e sexo.

Já na tabela 2, observamos que a relação entre associativismo global e confiança mostrou-se significativa apenas nos casos de concordância ou discordância parcial com a afirmativa segundo a

qual se pode confiar nas pessoas que moram nesse bairro/vila. Como se pode perceber na tabela, " quando expostas a tal situação maior ou menor é a chance de pessoas participar em associações diminui em quase 40% as chances de um indivíduo dizer que discorda parcialmente da afirmativa acima referida, a dizer que concorda totalmente com ela, controladas as variáveis escolaridade e sexo. Por sua vez, cada ano a mais de escolaridade eleva, novamente, em quase 10% as chances de se dizer que discorda parcialmente, mantidos constantes associativismo e sexo.

**TABELA 2 - Resultado do modelo de regressão multinomial**

**Associativismo global e confiança nos vizinhos**

**Grupo de referência: Concorda totalmente**

**(com a afirmativa segundo a qual pode-se confiar nas pessoas que moram neste bairro/vila)**

		B	Sig	Exp(B)	(Exp(B)-1)*100
<b>Concorda em parte</b>	Associativismo	-0,041	0,855	0,960	-4,004
	Escolaridade	0,027	0,292	1,027	2,734
	Sexo	-0,346	0,109	0,707	-29,252
<b>Discorda parcialmente</b>	Associativismo	-0,502	0,028*	0,605	-39,469
	Escolaridade	0,086	0,001*	1,090	9,021
	Sexo	0,082	0,708	1,085	8,519
<b>Discorda totalmente</b>	Associativismo	-0,388	0,145	0,678	-32,167
	Escolaridade	0,022	0,463	1,022	2,239
	Sexo	-0,278	0,273	0,757	-24,291

Fonte: PRMBH (2002). Elaboração própria dos autores.

\* Coeficiente significativo para teste bilateral

Na tabela 3, percebe-se que participar de associações políticas diminui em mais de 54% as chances de um indivíduo dizer que se pode confiar na maioria das pessoas, a dizer que cuidado nunca é demais, controladas as variáveis escolaridade e sexo. Cada ano a mais de escolaridade

eleva em mais de 15% as chances de se confiar em outrem, mantidos constantes associativismo e sexo.

Finalmente, na tabela 4 podemos observar que a relação entre associativismo político e confiança mostrou-se significativa apenas no caso de discor-

<sup>8</sup> Embora tenha nos parecido importante incluir a variável sexo como alternativa demográfica para se controlar os resultados, ela não se mostrou significativa em nenhum dos modelos de regressão estatística rodados.

dância parcial com a afirmativa segundo a qual se pode confiar nas pessoas que moram nesse bairro/vila. De fato, participar em associações aumenta em quase 120% as chances de um indivíduo dizer que discorda parcialmente da afirmativa acima referida, a dizer que concorda

totalmente com ela, controladas as variáveis escolaridade e sexo. Por sua vez, ser homem, em relação a ser mulher, diminui em mais de 50% as chances de se dizer que concorda parcialmente, mantidos constantes associativismo e escolaridade.

**TABELA 3 - RESULTADO DO MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICA****Associativismo político e percepção global de confiança****Grupo de referência: Pode-se confiar na maioria das pessoas**

	B	Sig	Exp(B)	(Exp(B)-1)*100
<b>Associativismo Político</b>	-0,784	0,057*	0,456	-54,363
<b>Escolaridade</b>	0,136	0,001*	1,146	14,591
<b>Sexo</b>	0,021	0,946	1,022	2,159

Fonte: PRMBH (2002). Elaboração própria dos autores.

\* Coeficiente significativo para teste bilateral

\*\*Coeficiente significativo para teste unilateral

**TABELA 4 - RESULTADO DO MODELO DE REGRESSÃO MULTINOMIAL****Associativismo político e confiança nos vizinhos****Grupo de referência: Concorda totalmente**

(com a afirmativa segundo a qual pode-se confiar nas pessoas que moram neste bairro/vila )

		B	Sig	Exp(B)	(Exp(B)-1)*100
<b>Concorda em parte</b>	Associativismo	0,378	0,325	1,459	45,933
	Escolaridade	0,015	0,672	1,015	1,525
	Sexo	-0,714	0,025*	0,490	-51,018
<b>Discorda parcialmente</b>	Associativismo	0,413	0,293	1,511	51,067
	Escolaridade	0,058	0,121	1,059	5,943
	Sexo	-0,357	0,278	0,700	-30,009
<b>Discorda totalmente</b>	Associativismo	0,788	0,077**	2,198	119,841
	Escolaridade	-0,031	0,486	0,970	-3,034
	Sexo	-0,261	0,506	0,770	-22,970

Fonte: PRMBH (2002). Elaboração própria dos autores.

\* Coeficiente significativo para teste bilateral

\*\*Coeficiente significativo para teste unilateral

## Conclusão

Partindo dos dados por nós tratados, podemos observar que apenas uma das hipóteses levantadas nesse trabalho é confirmada. Os modelos de regressão relativos ao associativismo global e à confiança interpessoal (difusa e localizada) demonstraram que, controlados a escolaridade e o sexo, quando as pessoas participam de associações, maior é a chance delas confiarem nas pessoas – assim como afirmam os trabalhos de Putnam (1996) e Almond & Verba (1963).

É importante ressaltar ainda a importância da variável escolaridade, que se mostrou positivamente relacionada com a confiança interpessoal em quase todos os modelos de regressão estatística, controlados associativismo e sexo. Nesse sentido, observamos nos dados aqui analisados que, quando os cidadãos possuem escolaridade, maior a chance de crerem nas instituições políticas, fato que parece ser corroborado,

sobretudo, pela relação positiva entre escolaridade e confiança difusa. Entrementes, não há consenso na literatura sobre a relevância do grau de escolaridade na possibilidade de se crer positivamente nas instituições políticas, ainda mais quando se releva o próprio desempenho das instituições políticas. Em trabalhos ulteriores, caberiam formulações hipotéticas para se investigar esse fenômeno.

Por fim, chamamos a atenção para o fato de que o modelo relativo ao associativismo político e à confiança interpessoal localizada – mais uma vez controlados escolaridade e sexo – não se revelou significativo, enquanto aquele relativo ao associativismo político e à confiança interpessoal difusa evidenciou resultados opostos aos esperados. Quando as pessoas participam de associações políticas, menor é a chance delas confiarem em outrem.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMOND, Gabriel Abraham & VERBA, Sydney. (1963). *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- DURKHEIM, Émile (1996). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1989-1991). *A divisão do trabalho social*. 3. ed. Lisboa: Presença.
- LAGOS, Marta (2000). A Máscara Sorridente da América Latina. *Opinião Pública*, Campinas, Vol.VI, nº1, 2000, pp.1-16.
- LIMA, Luciana C. (2006). "Os efeitos dos laços fracos sobre os laços fortes: uma relação entre associativismo e indicadores de capital social". *Revista Três Pontos*. Ano 2, n.2 (set 2005/ fev 2006). Belo Horizonte: O Lutador.
- LOPES, Denise Mercedes Nuñez Nascimento. (2004). Para pensar a confiança e a cultura política na América Latina. *Opin. Pública*, vol.10, no. 1, p.162-187. ISSN 0104-6276.
- MOISÉS, José Álvaro, (2005), *Os brasileiros e a democracia: bases sócio-políticas da legitimidade democrática*. São Paulo : Ática.
- \_\_\_\_\_. (2006). "A avaliação das instituições democráticas e a qualidade da democracia no Brasil". Trabalho apresentado no 20o. Congresso Mundial da IPSA – Fukuoka 2006, Julho 8-13 (Sessão "Latin American Cluster of Neglected Issues").
- PUTNAM, Robert D., (1996), *Comunidade e democracia : a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas.
- NEWTON, Kenneth e NORRIS, Pippa (1999), "Confidence in Public Institutions: Faith, Culture or Performance?". Trabalho apresentado no Annual Meeting of the American Political Science Association, Atlanta, 1-5 de setembro de 1999.
- NORRIS, Pippa (org.) (1999), *Critical Citizens: Global Support for Democratic Government*. Oxford: Oxford University Press
- ZALLER, John (1992), *The Nature and Origins of Mass Opinion*. Cambridge: Cambridge University Press.